

José Gaston Hilgert
gastohn@uol.com.br

Luciana Maria Crestani
lucianacrestani@upf.br

O blog noticioso na perspectiva da oralidade no texto escrito

News blog in the perspective of orality in written text

RESUMO – Este artigo insere-se no âmbito dos estudos da oralidade na escrita. Nele procede-se à análise de textos de um *blog* noticioso com o objetivo de identificar e descrever estratégias linguísticas que imprimem, nesses textos, traços de oralidade. Parte-se do fato de que, em princípio, a oralidade se manifesta num texto escrito, na medida em que nele vêm projetadas as marcas da enunciação. Cria-se então, por força dessas marcas, um cenário enunciativo configurado pela interação de um “eu” com um “tu/você”, num tempo *agora* e num espaço *aqui*. Essa configuração enunciativa é propícia à emergência de efeitos de sentido de proximidade e de informalidade, produzidos pelos mais variados recursos linguísticos, sejam eles de ordem lexical e sintática, sejam da instância das figuras ou do estilo. Por darem grande evidência a esses efeitos de sentido, os blogs noticiosos dos jornais *online* tornam-se um *corpus* privilegiado para o estudo da oralidade em textos escritos. É o que aqui se pretende fazer à luz de fundamentos teórico-metodológicos da enunciação.

Palavras-chave: blog, enunciação, interação, oralidade, texto escrito.

ABSTRACT – This article is in the scope of studies of orality in written language. Here it is presented an analysis of a news blog aiming at identifying and describing linguistic strategies that produce effects of orality in written texts. It is taken for granted that, in principle, traits of orality appear in written texts when these traits are projected in enunciation marks. It is created, then, by means of these traits, an enunciative scenario configured in the interaction between an “I” and a “you”, in a given time “now”, in a given space “here”. This configuration enables the emergence of meaning effects of proximity and informality produced by different linguistic means, be it of lexical or syntactic nature, be it instantiated by figures of speech or style. Because they provide evidence for these effects of meaning, news blogs have become a privileged corpus to the study of traits of orality in written texts. This is what is proposed here in light of theoretical and methodological tenets of enunciation studies.

Key words: blog, enunciation, interaction, orality, written text.

Introdução

O presente artigo trata da oralidade no texto escrito e, nessa perspectiva, tem como objeto específico de estudo o *blog* noticioso, um gênero de texto hoje em evidência no amplo espectro dos textos que divulgam e discutem notícias por meio da internet. Falar da oralidade em textos escritos é, à primeira vista, paradoxal, já que, em sentido específico, a noção de oralidade se identifica com a de manifestação linguística falada. No entanto, na medida em que um autor incorpora, por alguma razão, na elaboração de seu texto escrito, recursos linguísticos próprios das interações faladas

ou que evocam esse tipo de interação, está atribuindo, em grau maior ou menor, um caráter de oralidade a esse texto.

A oralidade é um traço comum e de presença destacada em textos escritos construídos para serem veiculados pela internet. Atestam esse fato os diferentes gêneros que se constituem e circulam nesse meio, como o chat, o MSN, o e-mail, o blog, os jornais *online*. As razões e funções dessa caracterização geral despertam, evidentemente, interesses de investigação discursiva e linguística. Nos limites de um artigo não cabe, obviamente, uma abordagem geral do assunto. Por isso nos limitaremos a centrar a atenção no blog e, particularmente, no blog noticioso.¹

¹ Não abriremos espaço, neste artigo, para uma discussão mais longa e detalhada sobre a natureza e as características de um *blog*. Por já ser um termo conhecido e divulgado entre internautas, simplesmente o definimos como sendo um espaço de divulgação na internet, de fácil criação e manejo, usado tanto por indivíduos quanto por grupos circunscritos e empresas de comunicação. Estas usam os *blogs* para a divulgação de notícias online (*blogs* noticiosos), sujeitas a frequentes atualizações e reformulações de texto. Um *blog* pode ser constituído por textos, infográficos, imagens, links e também por recursos que permitem ao leitor interagir com o autor ou o responsável pelo *blog*. Uma publicação no *blog* é denominada de *post*, dando-se o nome de *postagem* ao ato de fazer essa publicação (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>; <http://www.infoescola.com/informatica/o-que-sao-blogs/>; <http://blogger.globo.com/br/about.jsp> – Acessos em 01/10/2013).

Os objetivos do artigo são identificar e descrever recursos linguístico-discursivos que produzem, em *posts* (textos) de um blog noticioso, efeitos de sentido de oralidade e, também, apresentar algumas razões para a inserção desses recursos nos referidos textos. Antes desses objetivos, porém, dois outros se impõem: primeiramente, definir a natureza do que é falado e do que é escrito num contexto em que se trata da oralidade na escrita; e, em segundo lugar, explicar as marcas de oralidade num texto escrito à luz dos fundamentos da enunciação, já que todo texto, por ser produto da enunciação, isto é, por resultar de uma produção interativa entre um enunciador e um enunciatário, é configurado pelas instâncias que constituem esse ato de produção. Poderá o leitor objetar que esses dois últimos objetivos apresentados constituem, na verdade, o embasamento teórico-metodológico para alcançar os anteriormente referidos. Isso é verdade, e temos consciência disso. No entanto, insistimos em que a apresentação desses fundamentos teórico-metodológicos constituem, também, em nosso propósito, *objetivos* deste trabalho e que vão além dele, pois, na medida em que definimos e divulgamos esses fundamentos, cremos estar contribuindo para identificar as marcas de oralidade nos textos escritos à luz de uma teoria de texto e evitar, dessa forma, que elas fiquem à mercê de explicações vagas e empíricas.

A natureza medial e conceptual da fala e da escrita

Diante da imprecisão dos conceitos de fala e escrita nos estudos que põem textos falados e escritos em relação, Koch e Oesterreicher (1985; 1990; 1994) desenvolveram critérios para distinguir as manifestações linguísticas que esses dois termos denominam². Inicialmente os autores relembram a conhecida distinção dicotômica entre fala e escrita: enquanto *meios* de manifestação linguística, a fala é de caráter fônico, e a escrita, de natureza gráfica. Observam, no entanto, que fala e escrita também identificam textos que se distinguem uns dos outros pela *concepção* que deles têm os usuários da língua, com base em suas experiências discursivas. Por exemplo, embora sejam textos escritos (gráficos), bilhetes, e-mails e balões de fala das histórias em quadrinhos não sintonizam com a concepção de escrita que os falantes da língua têm, ou seja, esses textos se aproximam muito mais da concepção de fala dos falantes. Assim, também, os discursos de inauguração de uma empresa ou uma conferência acadêmica, mesmo que sejam proferidos oralmente (fonicamente), não se enquadram numa concepção de fala. Ao contrário, afinam mais com uma intuição de linguagem escrita.

Em resumo, os referidos autores preconizam, então, uma distinção entre uma fala e uma escrita *con-*

ceptual e uma fala e uma escrita *medial*. Enquanto *meio*, a relação fala-escrita é dicotômica, isto é, os textos são simplesmente classificados em duas categorias, falados ou escritos. Do ponto de vista *conceptual*, eles se distinguem, independentemente de sua natureza medial, por serem mais ou menos falados ou mais ou menos escritos, isto é, a sua classificação se dá com base na presença ou na ausência maior ou menor de traços de oralidade. Nesse sentido, os textos distribuem-se num *continuum* que vai de um pólo constituído de um gênero marcado pela máxima oralidade (conversas fortuitas de amigos que inesperadamente se reencontram, por exemplo) – que seria a oralidade prototípica – ao pólo oposto em que se situa um gênero caracterizado pela mínima oralidade ou pela ausência de qualquer traço dela (textos científicos, por exemplo). O gênero deste último pólo seria então marcado pela máxima escrituralidade, isto é, pela escrituralidade prototípica. O *continuum* pode ser observado da fala para a escrita ou vice-versa. No pólo da oralidade prototípica ou próximo dele situam-se gêneros como os das conversas fortuitas, dos *chats* na internet, das conversas telefônicas, dos e-mails, das cartas particulares; em torno do pólo da escrituralidade identificam-se gêneros como os das conferências acadêmicas, dos trabalhos científicos, dos textos legais.

É importante enfatizar que oralidade e escrituralidade, em sua acepção *conceptual*, independem do meio em que se manifestam, o que não descarta um vínculo preferencial entre a oralidade prototípica e a manifestação medialmente falada e entre a escrituralidade prototípica e a realização medialmente escrita.

Segundo esses mesmos autores alemães, o grau de oralidade e de escrituralidade nos textos é, predominantemente, estabelecido pelas situações de comunicação. Em termos gerais, situações marcadas pela *proximidade* promovem a oralidade; situações caracterizadas pelo *distanciamento* determinam a escrituralidade. À proximidade e ao *distanciamento* estão vinculados múltiplos fatores que configuram os interlocutores e suas relações interativas, tais como o grau de privacidade, de cumplicidade, de envolvimento emocional, de espontaneidade, de cooperação, de dialogicidade. Essas condições vão ser responsáveis pela produção de textos que ora lembram, em grau maior ou menor, as interações face a face; ora caracterizam as interações mais formais e distantes. Em suma, cenários de proximidade e de distanciamento vão determinar diferentes formas e estruturas que configuram os mais variados gêneros de textos. E esse fato nos permite chamar a linguagem dos textos marcados pela oralidade como a “*linguagem da proximidade*”, ou as comunicações realizadas por meio desses textos de “*comunicações da proximidade*”.

² As ideias de Koch e Oesterreicher foram difundidas no Brasil por Marcuschi (2001), particularmente no capítulo I dessa obra.

Diante do exposto, é importante enfatizar, no entanto, que a proximidade da qual falamos não é uma condição externa aos textos, isto é, não decorre da proximidade física (comunicação em situação face a face) ou afetiva (relação de amizade ou de algum grau de intimidade) entre os interlocutores de uma produção textual. Trata-se, sim, de um efeito de sentido que se revela nos textos e que até pode refletir as reais condições de produção deles, mas, em geral, particularmente em textos medialmente escritos, vai *encenar* essas condições, produzindo, com vistas à persuasão³, uma *ilusão* de proximidade e de consequente oralidade, que se realiza em formulações de subjetividade e, até, em manifestações de intimidade e de cumplicidade.

Essas considerações sobre proximidade e oralidade podem também ser estendidas a uma reflexão sobre o distanciamento e a *escrituralidade*. Esta nada mais é do que o aparato formal e estrutural que os textos assumem para criar um efeito de sentido de distanciamento com todas as suas implicações, como objetividade, impessoalidade, formalidade, visando, também, à persuasão do destinatário.

Como já dissemos, há óbvia afinidade entre a escrituralidade digamos extrema, prototípica, e a manifestação em textos medialmente escritos. Mas não menor é a sua afinidade com certos gêneros de textos medialmente falados, como é o caso das aulas, das conferências, dos discursos de toda ordem, festivos ou fúnebres, de chegada ou despedida. Até em textos dialogais a escrituralidade pode-se revelar, como acontece, por exemplo, em muitas passagens dos diálogos nas comissões parlamentares de inquérito, já tão banais no noticiário político do país. Os interlocutores se tratam por *Vossa Excelência*, e a proximidade maior fica por conta de *Senhor*. A linguagem tende a ser técnica, objetiva; as estruturas sintáticas vêm, com frequência, marcadas pela hipotaxe, denunciando até a possibilidade de ter havido um planejamento prévio das intervenções dos interlocutores. Os dêiticos e as demais escolhas léxico-sintáticas não apontam para a subjetividade, o envolvimento emocional, a cumplicidade. Em suma, os traços linguísticos desses textos produzem efeitos de sentido de distanciamento. E distanciamento, aqui, efetivamente não se confunde com a ideia de distância espaço-temporal, já que os interlocutores, nas referidas sessões das CPIs, encontram-se frente a frente.

A esta altura cabe perguntar: se todo texto, como dissemos na introdução, é um produto da enunciação, e se há textos marcados pela oralidade, que produzem efeitos de proximidade, e outros marcados pela escrituralidade, que produzem efeitos de distanciamento, como se explicam essas marcas à luz dos fundamentos da enunciação? Ou melhor, que marcas, na perspectiva da enunciação, constroem, nos textos, os *cenários* de oralidade e de escrituralidade? Tentaremos responder a essas perguntas no seguinte tópico.

A oralidade na perspectiva da enunciação

Sabemos que as características de um texto são projeções de procedimentos da enunciação que, calculados ou não, revelam por parte do enunciador, em interação com o enunciatário, o manejo das categorias e instâncias da enunciação para produzir efeitos de sentido. As marcas de oralidade nos textos escritos atestam esse manejo. Limitamo-nos aqui a focalizar dois princípios enunciativos com base nos quais podem-se explicar, em sua grande maioria, os traços de oralidade nos textos escritos em geral e, por isso, também nos blogs noticiosos: o primeiro é o princípio da *coenunciação*, e o outro, o da *debreamento enunciativa* de pessoa, tempo e espaço, princípios que a seguir definiremos.

A coenunciação

Entendemos por *enunciação* o ato de um sujeito-destinador interagir, em situação de comunicação, com um sujeito-destinatário, implicando essa interação uma manipulação em que ao destinador cabe, em sentido amplo, um fazer persuasivo e ao destinatário, um fazer interpretativo. O produto do ato da enunciação, falado ou escrito, é o enunciado. “Por oposição à enunciação, entendida como ato de linguagem, o enunciado é o estado dela resultante, independentemente de suas dimensões sintagmáticas (frase ou discurso)” (Greimas e Courtés, 2008 p. 168).

A enunciação se realiza, então, na interação entre um enunciador e um enunciatário. Na comunicação falada face a face, esses papéis enunciativos são exercidos pelos interlocutores, falantes e ouvintes. Na interação escrita, segundo Fiorin (2003 p. 163), “enunciador e enunciatário correspondem ao autor e leitor implícitos ou abstratos, ou seja, à imagem do autor e à do leitor construídas pela obra”.

Não se pode, no entanto, incorrer no equívoco de atribuir ao primeiro o papel ativo de produzir o enunciado e ao outro a passividade da recepção. Ambos constituem, na verdade, o sujeito da enunciação, conforme atestam Greimas e Courtés (2008 p. 171): “O termo ‘sujeito da enunciação’, empregado frequentemente como sinônimo de enunciador, cobre de fato as duas posições actanciais de enunciador e de enunciatário”. Este último assume, então, a natureza de *coenunciador*, já que, no dizer de Fiorin (2003 p. 163), “o enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige”. Em outras palavras, é em função das características do leitor que o autor seleciona o léxico, determina a complexidade

³ “Persuasão” tem aqui o sentido amplo de objetivos a alcançar em relação ao destinatário-leitor.

sintática, recorre ou não a procedimentos figurativos e faz outras escolhas na construção de seu texto.

Para melhor esclarecimento do princípio da coenunciação no processo da enunciação, observemos brevemente este texto de divulgação científica para crianças:

A linguagem do pisca-pisca

Descubra como vivem e por que brilham os vaga-lumes!
 Você já reparou naquele bichinho que vive piscando à noite? Você sabe por que os vaga-lumes piscam? O vaga-lume fêmea pisca para avisar ao macho que ele pode se aproximar dela para o acasalamento. O pisca-pisca também serve para espantar os inimigos, pois toda vez que a luz pisca, produz-se uma substância tóxica no corpo do vaga-lume. Está vendo como os animais podem se comunicar pela linguagem do pisca-pisca? Quando uma pessoa está dirigindo um carro e quer indicar que vai entrar à direita, ela liga o pisca-pisca para a direita e pronto! Quem está na rua, pedestre ou automóvel, já sabe o que significa aquele sinal. Mas pouco se sabe sobre a função da lanterna do vaga-lume. Mas certamente ela funciona, como o pisca-pisca do carro, como uma ‘linguagem’ entendida só no mundo dos vaga-lumes e dos bichos que os rodeiam.
 Um vaga-lume macho sobrevoa a vegetação espessa à procura da fêmea para o acasalamento. Enquanto voa, vai piscando num ritmo próprio de sua espécie. Lá embaixo, a fêmea da mesma espécie vagalumeia no mesmo ritmo, como que para avisar que o macho pode se aproximar.
 Um louva-a-deus vai chegando perto do vaga-lume ‘apagado’. Vê o inseto e prepara o bote, certo de que ali está uma boa refeição. De repente, o pirilampo pisca e o louva-a-deus desanima. Como muitos vaga-lumes têm toxina em seu corpo, eles são presas pouco saborosas. O sinal luminoso serve para avisar ao predador que aquela comida não é das melhores. (...) [Adaptado do artigo originalmente publicado em *Ciência Hoje das Crianças* 22, escrito por *Cleide Costa*, Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo.]

Restrinjamos nossa atenção à escolha de algumas opções lexicais na passagem do texto original para o texto destinado às crianças:

- o vaga-lume é chamado de *bichinho*, fazendo alusão ao frequente uso dos diminutivos na interação com as crianças: “*Você já reparou naquele bichinho que vive piscando à noite?*”

- *linguagem* vai ser uma metáfora do ato de piscar por meio do qual os vaga-lumes se comunicam entre si e com outros insetos, em cuja proximidade costumam viver: “*Está vendo como os animais podem se comunicar pela ‘linguagem’ do pisca-pisca?*”

- o recurso que, talvez, melhor esclareça para a criança a função sinalizadora da luz intermitente produzida pelo vaga-lume é, sem dúvida, a analogia com a luz do automóvel que indica mudança de direção (esquerda ou direita) no trânsito: “*Quando uma pessoa está dirigindo um carro e quer indicar que vai entrar à direita, ela liga o pisca-pisca para a direita e pronto!*” O autor não denomina

a peça do carro pelo termo técnico, mas a identifica pela expressão corrente na fala cotidiana, pisca-pisca, forma que também dá nome ao vaga-lume e a sua ação sinalizadora;

- o uso da forma verbal *vagalumeia*: “*Lá embaixo, a fêmea da mesma espécie vagalumeia no mesmo ritmo...*”. A palavra lembra formas similares – derivações de verbos de quaisquer substantivos – recorrentes em criações inesperadas no uso linguístico infantil.⁴

- a expressão *vaga-lume ‘apagado’*: “*Um louva-a-deus vai chegando perto do vaga-lume ‘apagado’*”. O adjetivo da expressão igualmente remete a essas surpresas da linguagem infantil em que seres animados recebem atributos de seres inanimados e vice-versa.

Quanto ao léxico, portanto, são raras as palavras nesse texto que não pertençam, digamos, a um vocabulário comum, corrente nas interações cotidianas entre crianças e entre elas e os adultos. A metalinguagem dos textos propriamente científicos – os que circulam entre os especialistas da área do conhecimento – não compatível com a linguagem infantil é suprida por explicações metalinguísticas, recursos metaenunciativos, procedimentos de figurativização, como comparações, metáforas e analogias. São todas estratégias que vão construir e apresentar o objeto de divulgação científica ou alguma de suas características numa linguagem sintonizada com as práticas sociais e com as competências de compreensão e de interpretação das crianças.

Em síntese, o exemplo apresentado põe em evidência o quanto o enunciatário (o leitor a quem se destina o texto produzido pelo autor) é coenunciador do texto. O perfil do leitor criança determina as escolhas do autor-enunciador na construção textual. Este, em seu intuito de divulgação e, portanto, de explicação, busca aproximar-se do leitor. Para isso, abandona, quase por completo, o jargão científico e assume a tal ponto a linguagem das crianças, principalmente o seu caráter oral, que se tem a impressão de ser o enunciatário aquele que enuncia, isto é, de serem os leitores os autores dos textos.

A debreagem enunciativa

Toda enunciação é necessariamente realizada por sujeitos, em tempos e espaços determinados. Por isso, a pessoa, o tempo e o espaço constituem as três grandes categorias da enunciação.

Quem enuncia é sempre um *eu* que, ao dizer-se *eu*, na interação, institui o *tu*. É só o *eu* quem diz *tu* e, ao dizê-lo, institui-se como *eu* no discurso. Nessa perspectiva, o discurso só tem existência por obra dessa natureza complexa do sujeito da enunciação. “O eu existe por oposição

⁴ A propósito dessa criatividade linguística da criança, Luft (1998 p. 55) conta que seu afilhado, “acostumado a espiar pirilampos no jardim de sua casa, informou a avó, ao ver relâmpagos numa noite de tempestade, de que estava ‘pirilampando lá no céu’. Poetas, antes dele, inventaram belezas semelhantes: *pirilampear*, *pirilampejar*”.

ao tu e é a condição do diálogo que é constitutiva da pessoa porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis eu/tu” (Fiorin, 1996, p. 41).

O *eu* (*eu/tu*) enuncia no tempo *agora* e no espaço *aqui*. Esse espaço e esse tempo estão na dependência do *eu*, na medida em que se definem pelo fato de neles ocorrer o ato da enunciação. Portanto, as categorias de espaço e de tempo na língua se definem a partir da categoria pessoa, e o *eu-aqui-agora* do ato da enunciação é ponto de partida para estabelecer todas as demais relações de pessoa, de espaço e de tempo na língua.

Na medida em que o texto (o enunciado) é o produto da enunciação, é preciso considerar que a relação enunciador-enunciatário do ato da produção textual é pressuposta pelo texto enquanto produto. Isso implica dizer que a existência do enunciado (do texto) se deve ao fato de ele ter sido anteriormente enunciado, isto é, de antes ter ocorrido a enunciação. Esta não mais se realiza no enunciado, mas está nele projetada.

Observemos novamente o texto do tópico anterior, destacando somente este período: “Você já reparou naquele bichinho que vive piscando à noite?”. Sabemos, com base no que já foi dito, que o *você* dessa pergunta implica necessariamente um *eu*, pois é só o *eu* quem diz *tu/você*. Esse *eu* implícito do texto, porém, não é mais o *eu* enunciador, nem o *você* explícito é o *você* enunciatário. O *eu* é, agora, no texto, o narrador; e o *você*, o narratário. O narrador e o narratário são, no texto, a projeção do enunciador e do enunciatário, os quais, como vimos, são os actantes da enunciação, a qual é, repetindo, a instância pressuposta pelo texto.

Ao ato de projetar a enunciação no enunciado dá-se o nome de *debreagem*. A *debreagem* consiste na operação de projetar no enunciado as marcas de pessoa, espaço e tempo, podendo ocorrer, então, três tipos de *debreagem*: a actancial (de pessoa), a espacial e a temporal.

Essas *debreagens* podem ser manipuladas pelo enunciador, na medida em que ele ora marca o enunciado com traços do ato da enunciação, ora apaga essa marcação. Nesse sentido, a *debreagem* pode ser *enunciativa* e *enunciava*. *Debreagem* *enunciativa* “é aquela em que se instalam no enunciado os actantes da enunciação (*eu/tu*), o espaço da enunciação (*aqui*) e o tempo da enunciação (*agora*)...” (Fiorin, 1996 p. 44). As escolhas *enunciativas* vão resultar em efeitos de sentido específicos no texto, como de subjetividade, proximidade e outros consequentes desses. Em relação ao tempo e espaço, a *debreagem* *enunciativa* vai produzir no texto o efeito de sentido da presentificação, como se a enunciação acontecesse no *aqui e agora* do ato da leitura do texto, o que, evidentemente, é uma ilusão, já que o texto objeto de leitura pressupõe a enunciação anterior. Entre outros, costumam identificar-se pela *enunciatividade* de textos caracterizados pela oralidade, como conversas informais, chats e e-mails na internet, cartas particulares, autobiografias. São chamados *textos enunciativos*.

A *debreagem* será *enunciava*, quando o enunciador não projetar no enunciado os traços da enunciação. São os discursos em terceira pessoa nos quais, embora sejam produtos de uma enunciação de um *eu*, *aqui e agora*, estas marcas *enunciativas* vêm apagadas. Textos marcados pela *debreagem* *enunciava* produzem, entre outros, efeitos de sentido de objetividade e de distanciamento. Caracterizam-se pela *enunciatividade* textos marcados pela escrituralidade, como trabalhos acadêmicos, editoriais jornalísticos, discursos jurídicos. Os textos *enunciativos* são considerados objetivos, de informação precisa, livres de opiniões pessoais. Na verdade, porém, como lembra Fiorin (2003 p. 179), “não existem textos objetivos, pois eles são sempre fruto da subjetividade e da visão de mundo de um enunciador. O que há são textos que produzem um efeito de objetividade”.

No presente artigo importa-nos, somente, a *debreagem* *enunciativa*, pois é ela que cria o cenário interativo próprio para produzir efeitos de proximidade e, portanto, para a inserção de recursos de linguagem que lembram a oralidade. Para maior clareza dessa noção, observemos ainda o seguinte texto, que é uma carta (bilhete da prisão) de Graciliano Ramos a sua mulher (1994 p. 165):

Heloísa: Vou passando bem. O capitão Mata é um excelente companheiro, e com ele ninguém pode estar triste. Não pretendo voltar a Alagoas. Peça os conselhos de Américo para que as coisas não fiquem muito ruins. Vou ver se consigo trabalhar para o José Olympio ou outro editor. Abraços. Graciliano.
Recebi os troços que você mandou.

Esse é um texto essencialmente *enunciativo*, pela recorrente projeção do *eu/tu* e *agora* da enunciação no enunciado, atestada no uso da primeira pessoa e do tempo presente do verbo. É marcante o fato de narrador e narratário virem nominalmente identificados no texto, e o último ser diretamente interpelado (*Heloísa*, *peça*, *você*) pelo narrador, procedimento que produz um efeito de diálogo com um interlocutor real, uma ilusão de interação face a face, enfim uma evocação da fala no texto escrito. A interpelação explícita do narratário (*Heloísa*) constitui, no dizer de Maingueneau (1996 p. 34), um exemplo de “leitor invocado”, recurso que produz um efeito de realidade e, por isso, de proximidade e de privacidade em grau bem maior, a ponto de evidenciar uma relação de cumplicidade entre os interlocutores.

Acrescente-se, por fim, a essas características a escolha lexical “troços”. Ela chega a ser emblemática como marca de oralidade. “*Troços*” se usa na relação com pessoas conhecidas, íntimas, com quem a gente se dá o direito de ser informal e com as quais se mantém um pacto de cumplicidade.

A oralidade em blogs noticiosos

Os *blogs* são cada vez mais utilizados no jornalismo *online*, principalmente para veicular textos de

colunistas e notícias de grandes coberturas jornalísticas. Os textos, objetos de estudo neste artigo, encontram-se no *blog Mudança na América*⁵, criado pelo jornal *Zero Hora online*, de Porto Alegre, para divulgar notícias da posse de Barack Obama como Presidente dos EUA para o seu primeiro mandato.

Antes de focalizarmos as notícias propriamente ditas do *blog*, analisaremos enunciados por meio dos quais o jornal remete os leitores ao *blog*, já que as escolhas enunciativas ali presentes são igualmente significativas para explicar traços de oralidade na escrita. Observem-se estes enunciados: “*Veja a cobertura completa da posse de Barack Obama no blog Mudança na América, por Rodrigo Lopes*”, “*Veja o site especial da posse*”, “*Saiba como foi a posse*”, “*Confira o que ocorreu durante o dia*”. Essas chamadas, postas na superfície da notícia principal, já evidenciam traços de oralidade: em todas elas o narrador – instância delegada pelo enunciador *jornal* para relatar os fatos – instaura no enunciado o narratário-leitor através de uma debreagem enunciativa de pessoa, pois designa-o como “você” (*veja, saiba, confira*), o que implica necessariamente a instância do *eu*, já que somente um *eu* pode dizer *tu/você*. Nessa perspectiva, então, todos os enunciados vêm marcados pelo traço enunciativo fundador das relações dialogais, particularmente as que ocorrem face a face: a interação entre *eu* e *tu/você*. O enunciador poderia, em tese, ter feito outra escolha, ocultando nos enunciados as marcas interpeladoras do leitor, o que resultaria em chamadas como estas: “*Cobertura completa da posse de Barack Obama no blog Mudança na América, por Rodrigo Lopes*”, “*Site especial da posse*”, “*Como foi a posse*”. Comparadas com as primeiras, nestas está oculto o apelo interacional, o que produz um duplo efeito de distanciamento, tanto entre destinador e destinatário quanto entre estes e o próprio fato da notícia, o que, em princípio, caracteriza as reportagens nos jornais impressos.

A decisão, no entanto, de imprimir na chamada da notícia a evocação do destinatário, por meio da explicitação do *você* nas formas verbais, é uma determinação do gênero *blog*, que promove uma relação de proximidade entre jornalista e leitor e, assim, imprime ao texto um efeito de oralidade.

Fixemo-nos agora em notícias do *blog Mudança na América*. Constituído de relatos diários, fotos, vídeos e áudios, nele o repórter Rodrigo Lopes (responsável pelo *blog*) relata acontecimentos presenciados durante a semana em que esteve em Washington, acompanhando a organização e as festividades da posse do Presidente Barack Obama.

Restringimos nossa observação a quatro textos noticiosos (*posts*), inseridos (*postados*) no *blog*, nos dias 16, 17 e 21 de janeiro de 2009. A análise seguirá, em termos gerais, os seguintes passos: primeiramente definiremos o cenário interativo de cada texto, ou seja, caracterizaremos as categorias da enunciação (pessoa, espaço e tempo) projetadas no enunciado (texto); a seguir destacaremos recursos de linguagem, particularmente os de ordem lexical e sintática, que sintonizam com esse cenário; e, por fim, faremos observações complementares que realçam a evidência das marcas de oralidade nos textos.

O cenário interativo projetado no primeiro post (Texto 1) se caracteriza por ser o narrador um *eu* (“*Me preparava*”, “*disse*”), que se manifesta num espaço “aqui” (“*Washington, 15 graus negativos*”) e no tempo “agora/hoje”, ancorado no próprio tempo cronológico (*16 de janeiro de 2009*), explicitado logo abaixo do título. Como vimos, o *eu* narrador implica, por natureza, a instituição do *tu/você* narratário, implícito neste texto. Constata-se, portanto, que a instância da enunciação (a ação do *eu*, que enuncia no espaço *aqui* e no tempo *agora*) vem projetada no enunciado (texto). Essa caracterização cria, então, um cenário de interação entre repórter e leitor marcado pela subjetividade, pessoalidade e, consequentemente, um

Texto 1 – Notícia “Mais frio”

Mais frio

16 de janeiro de 2009

2

O frio aprontou de novo... Me preparava para fazer um boletim no Gaúcha Repórter, o primeiro no rádio desde a chegada, e o maxilar mal se movia. O jeito foi assumir no ar:

- Washington, 15 graus negativos. Está difícil até de pronunciar as palavras, Lasier Martins
- disse.

É incrível como o rosto se enrijece e as palavras mal saem da boca. A previsão para o dia da posse é de que o frio se aprofunde. Alguns meteorologistas falam da possibilidade de neve.

Postado por Rodrigo

⁵ Este blog faz parte de um *corpus* de textos, constituído a partir de 2008, destinado ao estudo da oralidade na escrita.

certo grau de proximidade. Esses traços, aliás, sintonizam perfeitamente com a temática do *post* que, praticamente, se restringe a apreciações do repórter (o *eu*) sobre si mesmo, relativas às consequências do frio que sente (“*o maxilar mal se movia*”, “*está difícil até de pronunciar as palavras*”, “*É incrível como o rosto se enrijece e as palavras mal saem da boca*”).

Em consonância com esse cenário revelam-se os recursos lexicais e estratégias sintáticas de construção do texto. Do ponto de vista lexical, destacam-se como típicas de uma conversa as expressões como “*O frio aprontou de novo...*”, com destaque ao verbo *aprontar* nesse contexto, e “*O jeito foi...*”. Elas normalmente não entrariam num texto conceptualmente escrito, sem causar uma incoerência de nível de linguagem ou, ao menos, certa estranheza por parte do leitor. Quanto às demais escolhas lexicais, elas não têm um particular chamariz de oralidade. São formas de uso comum tanto nas conversas quanto nos textos escritos. Não são marcas de oralidade em si, mas, assumem essa caracterização neste texto, por estarem em coerência com o cenário interativo dele, que é de natureza enunciativa. As mesmas formas, no cenário de um texto enuncivo, em que as marcas da enunciação vêm apagadas, não poderiam por si só ser apontadas como traços de oralidade.

No que respeita às construções sintáticas do texto, predominam os períodos simples e, quando são compostos, destaca-se a composição por coordenação. É esta, sem dúvida, a sintaxe que estrutura a maior parte dos enunciados nas conversas, o que permite dizer que ela, transferida para um texto medialmente escrito, pode nele produzir efeitos de oralidade. No entanto, também aqui é preciso relativizar, reconhecendo que estruturas sintáticas similares a essas não necessariamente evocam oralidade. Precisam, para tanto, se manifestar num cenário interativo próprio, como o que acabamos de descrever.

Ainda no tocante à sintaxe, identifica-se no texto uma frase que começa com uma próclise (“*Me preparava*

para...”). Por ser corrente nas interações faladas, essa prática está em plena sintonia com o cenário enunciativo do texto, acrescentando, portanto, mais um traço de oralidade a ele. No entanto, o fato de esse mesmo uso nos textos conceptualmente escritos já não ser mais repreendido, faz com que a próclise no início de frases seja uma marca de oralidade, em princípio dependente do cenário interativo do texto em que se encontra.

Uma particularidade das notícias *online*, conforme observamos na nota 3, é a de que o leitor pode, em tempo real, tomar o “turno” na interação *eu/tu* e comentar as notícias ou relatos postados pelo repórter. Essa possibilidade se dá através do *link* “comentários” que, no texto, aparece ao lado da data, logo abaixo do título. No espaço que se abre, clicando nesse *link*, vem registrado o texto dos leitores⁶.

Observemos o comentário enviado pela leitora Sabrina Jung em relação ao texto 1. Este *post* (Texto 2) revela o mesmo cenário interativo do texto que comenta, o que torna plenamente coerente o tom de brincadeira que a leitora assume ao se referir à situação relatada pelo repórter a propósito da dificuldade de mover o maxilar e de falar em decorrência do frio que fazia em Washington: “*Se continuar desse jeito, Rodrigo, tudo que o Obama vai conseguir pronunciar no seu discurso vai ser: ye...s...w...e...ca...n!*”. Note-se que, ao brincar com o fato narrado pelo repórter, a leitora dirige-se a ele pelo nome “*Rodrigo*”. Nomear, no texto, o seu destinatário é uma estratégia de produzir um efeito de realidade, e assim, conferir à interação dialogal, para além da proximidade, um certo grau de efeito de cumplicidade. Por fim, depois de parabenizar o repórter pelo trabalho que está realizando, a leitora despede-se dele com um “Grande abraço”, como se costuma fazer no encerramento de uma conversa. Trata-se, evidentemente, neste caso, de uma marca de oralidade específica, que, quando usada em textos escritos, configura-os como conceptualmente falados. Com efeito, embora medialmente escrito, o texto da leitora está muito mais

Texto 2 – Comentário postado pela leitora Sabrina Jung.

Comentários (2)

Sabrina Jung diz:
17 de janeiro de 2009

Se continuar deste jeito, Rodrigo, tudo que o Obama vai conseguir pronunciar no seu discurso vai ser: ye...s...w...e...ca...n!

Parabéns pela oportunidade maravilhosa de poder acompanhar de perto este acontecimento histórico!

Grande abraço!

⁶ Numa interação falada, a unidade de sentido de um desdobramento temático depende da relação de complementaridade entre os turnos. Assim, também, os comentários postados no *blog* pelos leitores são integrantes da totalidade do texto. Em outras palavras, na medida em que o leitor entra com os seus comentários, o texto do *blog* resulta da ação conjunta entre ambos, autor e leitor.

próximo das interações faladas, visto que tanto as escolhas enunciativas que o compõem, quanto o tom de brincadeira que o caracterizam, encenam uma conversa espontânea entre amigos, um diálogo descontraído, informal, permeado de efeitos de intimidade, de cumplicidade, enfim, de proximidade em grau até afetivo entre os interlocutores.

Cabe lembrar ainda que o sujeito da enunciação é constituído, como vimos, por enunciador e enunciatário, na medida em que o enunciador faz suas escolhas determinado pelo simulacro do enunciatário a quem se dirige, o que atribui a este último o papel de coenunciador. Nessa perspectiva, é possível observar, comparando os dois textos, que as escolhas do narrador-autor e do narratário-leitor são semelhantes, mostrando que ambos se identificam na e

pela linguagem utilizada. Ou seja, as escolhas do repórter autorizam o dizer espontâneo, informal, oralizado do leitor e vice-versa. Essa identificação entre ambos reforça laços de fidelidade entre leitores e jornal.

O post seguinte (Texto 3) retrata o mesmo cenário enunciativo do destinador-autor (*eu*) que se dirige ao destinador-leitor (*tu/você*), conforme fica explícito nestas passagens: “Eu e o colega brasileiro...” (nós), “posamos”, “Ensinamos”, “caímos”. Em *nós* está implícito o *eu*, o qual, ao dizer *eu*, institui necessariamente o *tu/você* do leitor. Há, porém, uma nítida diferença deste texto com o anterior. Neste, o *eu* destinador dirige-se ao destinatário, não para falar de si e sim para lhe relatar um acontecimento. Esse acontecimento está centrado num indivíduo, um

Texto 3 – Notícia “Que figura!!”

Que figura!!

17 de janeiro de 2009



Fotógrafo oficial? Conta outra.../Rodrigo Lopes

Este fotógrafo aí da foto é uma figuraça. Vestido com um colete verde igual ao dos funcionários da prefeitura e aos policiais, ele passava quase despercebido pelas autoridades nos arredores da Avenida Pensilvânia, parte dela já fechada aos carros. Deslocava-se rapidamente de um lado para o outro sem ser uma vez sequer importunado.

Ele se aproxima:

- Posso tirar uma foto? Sou FOTÓGRAFO OFICIAL do Obama!

Claro. Eu e o colega brasileiro Caio Pompeu Correa, companheiro de jornada, posamos para a imagem.

Fazendo propaganda de seu site, ele agradece e pergunta, com um tantinho de vergonha:

- *Hei men*, vocês sabem onde fica a Casa Branca?

Ensinamos o trajeto... E logo caímos na risada!

O site do cara: www.redbowphoto.com/obama2009

Postado por Rodrigo Lopes

fotógrafo, que se apresenta e se comporta de forma um tanto singular e pitoresca, do qual diríamos, no contexto de uma interação falada, “Que figura!”. Expressão típica da fala, que, ao dar o título ao texto, confere-lhe caráter de oralidade em seu todo. Isso significa que a possibilidade de o texto mudar de configuração em seu percurso está praticamente descartada. A mudança infringiria, em algum nível, os fundamentos de coerência na construção do texto.

A “figura” a que se refere o título é explicitamente apresentada ao leitor em duas passagens próximas. A primeira fica bem junto à fotografia, exercendo a função de legenda: “*Fotógrafo oficial? Conta outra...*”. Tanto a expressão interrogativa quanto o seu complemento “*Conta outra*” são manifestações específicas das interações faladas. Postas no texto escrito, imprimem-lhe, evidentemente, um traço de oralidade. A segunda passagem é a que abre o texto: “*Este fotógrafo aí da foto é uma figuraça*”. Os elementos dêiticos “Este” e “aí” do enunciado sinalizam claramente a interação do repórter com o leitor a quem ele mostra a figuraça, como que apontando para ela (“Este.... aí”). Explicita-se nesta passagem, portanto, mais uma vez, a encenação do diálogo, em contexto de proximidade, entre destinador-repórter e destinatário-leitor.

Outro traço de oralidade que se evidencia no texto é o fato de o narrador (eu e o colega brasileiro) delegar a voz ao interlocutor (o fotógrafo), dando-lhe oportunidade de se manifestar em discurso direto. No texto, isso ocorre duas vezes. Na primeira, o interlocutor o faz, dirigindo uma pergunta aos repórteres – o que evoca um procedimento de diálogo face a face, já que toda pergunta implica a possibilidade de uma resposta – e se apresentando como “FOTÓGRAFO OFICIAL de Obama”. A expressão digitada em maiúsculas lembra ao leitor o tom destacado dado a ela no momento da fala. Trata-se, no caso, de um recurso recorrente nas “conversas” por escrito da internet, destinado a imprimir em palavras ou expressões traços específicos que as identifiquem como manifestações faladas.

Na segunda intervenção, o traço de oralidade mais evidente fica por conta da interpelação “*Hei men*”, que introduz uma pergunta (germe de diálogo) também dirigida aos repórteres brasileiros. O fato de a expressão vir em itálico, além de a identificar como uma forma em língua estrangeira, leva-a, igualmente, a ser reconhecida como um recurso de fala no texto escrito.

Como já observamos em relação ao texto anterior, há, evidentemente, segmentos do texto, como, por exemplo, o do primeiro parágrafo “Vestido com um colete...” até “...sequer importunado”, que, separadamente do cenário enunciativo em que se situam, não evocam por si só oralidade. Mas, uma vez inseridos nele, são plenamente coerentes com essa caracterização.

Por fim, cabe uma breve observação em relação à

fotografia que, acompanhando o texto verbal, forma com ele um todo organizado de sentido, de natureza sincrética. Por registrar o fotógrafo em conversa com outras pessoas, ela está em sintonia com o caráter oral do texto escrito, corroborando essa sua configuração.

O último post (Texto 4) traz igualmente os elementos que definem o cenário enunciativo próprio para acolher recursos de linguagem que evoquem as interações faladas marcadas pela proximidade entre os interlocutores. Nesse sentido são recorrentes recursos lexicais específicos da fala (“*E é verdade!*”, “*quem diria!?*”, “*Pô, isso não é gorjeta.*”, “*Pessoal,...*”) que, usados no texto escrito, nele produzem evidentes efeitos de oralidade. Também a sintaxe concorre para a produção desses efeitos, na medida em que vem caracterizada predominantemente por períodos simples ou compostos com orações coordenadas, o que se evidencia, particularmente, no 3º parágrafo.

Não queremos aqui repetir uma análise já feita nos textos anteriores. No entanto, voltamos a chamar a atenção para um fator de oralização que neste texto é especialmente evidente: a projeção da relação *eu/você*, explicitada pela reiterada interpelação do destinatário (*você, leitor*). Só nos dois primeiros parágrafos ela ocorre nas seguintes passagens: “E é verdade! Por aqui, *você* acaba ficando sabendo muitos dos detalhes, ...”; “...tem a missão de trazer *você, leitor*, para perto do que está acontecendo”; “Como se *você* estivesse viajando aqui comigo”. Num texto escrito, tirar o destinatário de sua implicitude e trazê-lo explicitamente para o corpo do texto, nomeando-o (como é o caso de *Heloisa*, no bilhete de Graciliano Ramos, comentado anteriormente) ou interpelando-o com a palavra *leitor* ou por alguma forma de tratamento, é uma estratégia que produz um efeito de realidade por instituir para o *eu* que fala um interlocutor concreto. Essa instância de interlocução explicitada vai acentuar no texto a encenação do diálogo, da conversa entre próximos, quicá, até entre cúmplices.

Em relação ao uso do “você”, há dois registros no 3º parágrafo que merecem atenção particular. Transcrevamos a passagem em que eles ocorrem:

Os taxistas são um capítulo à parte aqui em Washington. Mal humorados, pouco profissionais e, em alguns casos, malandros. Não quero generalizar, mas é muito complicado lidar com eles por aqui. *Você* para o veículo na rua, eles abrem o vidro, perguntam (para) onde *você* quer ir e só então decidem se querem ou não levá-lo.

O *você*, nesses dois casos, do ponto de vista da debreagem actancial (de pessoa), não identifica o interlocutor do *eu*, da relação *eu-você*, mas sim, por um processo de enunciação, denominado embreagem actancial⁷, ocupa o lugar de um *ele*. Nessa perspectiva, a última frase do segmento transcrito poderia ficar assim: “*Alguém* (ou outra

⁷ Segundo Fiorin (1996 p. 84), “a embreagem actancial consiste na neutralização de oposições no interior da categoria pessoa”.

forma como *o indivíduo, o fulano, o interessado*) para o veículo na rua, eles abrem o vidro, perguntam (para) onde *ele* quer ir e só então decidem se querem ou não levá-lo”. Sabemos que o uso da 3ª. pessoa é um procedimento enuncivo, ou seja, produz um efeito de objetividade e distanciamento, fato que em si, não seria incoerente em relação às características do texto em curso. No entanto, a astúcia enunciativa de, em lugar do *ele*, usar o *você*, ao mesmo tempo em que neutraliza o efeito de distanciamento, acentua o de proximidade entre destinador e destinatário, estratégia que se soma às demais para configurar este texto escrito como um texto conceitualmente falado.

Um outro aspecto que chama a atenção neste *post* é o fato de ele, em seus dois primeiros parágrafos, par-

ticularmente no segundo, discorrer metadiscursivamente sobre o *blog*, na medida em que, valendo-se da linguagem do *blog*, fala de como este deve ser formulado e de que temas deve tratar. Essas considerações metadiscursivas conferem, quase que textualmente, com os efeitos de sentido de proximidade, subjetividade e outros - apresentados em nossa fundamentação teórica - produzidos pela projeção das marcas da enunciação no enunciado (no texto). Observemos algumas passagens:

a) sobre a proximidade entre autor e leitor e entre ambos e a notícia: “...tem a missão de trazer você, leitor, para perto do que está acontecendo. Como se você estivesse viajando aqui comigo” (2º. par.);

b) sobre o caráter subjetivo das informações: “Por

Texto 4 – Notícia “O que você não vai ler por aí”⁸

O que você não vai ler por aí

21 de janeiro de 2009



Já disse um grande jornalista e amigo que os blogs acabaram com o romantismo das coberturas internacionais. E é verdade! Por aqui, você acaba ficando sabendo muitos dos detalhes, das dificuldades, das trapalhadas, das emoções que o repórter passa em um trabalho como esse. É claro que vivenciamos um momento histórico e a emoção de estar aqui faz a gente superar todos os obstáculos.

O objetivo de um blog também é exatamente esse: ir além, mostrar os bastidores, como se chegou até a informação, com um pouco de bom humor e numa linguagem mais direta, informal. Para mim, um blog é mais: tem a missão de trazer você, leitor, para perto do que está acontecendo. Como se você estivesse viajando aqui comigo. Então, quero dividir algumas coisas que não tive tempo de contar durante a cobertura da posse de Barack Hussein (quem diria!?) Obama:

(...)

Os taxistas são um capítulo a parte aqui em Washington. Mal humorados, pouco profissionais e, em alguns casos, malandros. Não quero generalizar, mas é muito complicado lidar com eles por aqui. Você para o veículo na rua, eles abrem o vidro, perguntam onde você quer ir e só então decidem se querem ou não levá-lo. Se é muito perto ou eles “não estão com vontade” de ir para aquela área da cidade, simplesmente fecham o vidro e arrancam. Na hora de pagar, cobram a mais. E não é um troquinho. São US\$ 2 a US\$ 3. Pô, isso não é gorjeta. É assalto. Sem falar nas quatro vezes em que ligamos para uma empresa solicitando um táxi no hotel, e ficamos esperando por 50 minutos. Não chegou até agora... O jeito foi caminhar, caminhar, caminhar até encontrar um veículo disponível.

(...)

Pessoal, se eu lembrar de alguma outra situação engraçada, curiosidades, conto nas próximas horas ou dias. Abraço e obrigado até aqui!

Postado por Rodrigo Lopes

⁸ Este *post* tem, no original, 9 parágrafos. Para não voltarmos a apontar fenômenos idênticos ou similares aos já constatados nos posts anteriores, restringiremos nossas observações aos dois primeiros, ao sétimo e ao último.

aqui, você acaba ficando sabendo muitos dos detalhes, das dificuldades, das trapalhadas, das emoções que o repórter passa em um trabalho como esse” (1º. par.);

c) sobre os conteúdos dos textos e o modo de apresentá-los, considerando estilo e forma: “ir além, mostrar os bastidores, como se chegou até a informação, com um pouco de humor e numa linguagem mais direta e informal” (2º. par.).

Esses comentários metadiscursivos, considerando somente o *blog* aqui em análise, nos permitem dizer que ele, no *continuum* que vai do polo da oralidade prototípica (a conversa face a face) ao polo da escrituralidade prototípica (textos formais por exigência), se situa muito mais próximo do primeiro. Ou seja, o *blog* tende a uma conversa, isto é, os textos que o compõem, ainda que escritos, são conceitualmente falados. Pensamos que – sempre com a devida reserva, já que não baseamos nossa afirmação numa análise comparativa de um número significativo de *blogs* – se possa admitir essa caracterização como sendo uma tendência dos *blogs* em geral.

Considerações finais

Abordamos neste artigo a oralidade no texto escrito. A importância do tema não está no simples fato de identificar, nesse tipo de texto, formas lexicais, estruturas sintáticas ou outras ocorrências linguísticas que sejam idênticas aos usos das interações faladas ou, então, lembrem esses usos. Na verdade, inserir, nos textos escritos, consciente ou inconscientemente, marcas de oralidade produzirá efeitos de sentido que, em relação aos objetivos comunicacionais do autor do texto, poderão ser, por um lado, um forte fator de compreensão e persuasão e, por outro, um registro desqualificador do texto em diferentes aspectos. Nessa perspectiva, portanto, não se pode partir para o estudo da oralidade no texto escrito a esmo. É essencial que esse trabalho seja conduzido à luz de fundamentos teóricos que expliquem a construção dos sentidos nos textos. Os princípios de enunciação parecem dar conta, ao menos em boa parte, dessa necessidade. Sendo o texto o produto da enunciação, o enunciador projeta nele um cenário interativo que pode encenar uma interação próxima entre destinador-autor e destinatário-leitor, ou, então, pode estabelecer um distanciamento entre esses dois actantes. É a primeira interação, marcada pelas relações eu/você, aqui e agora, que caracteriza os textos marcados, em graus variados, por traços de oralidade. Os *posts* do *blog* que analisamos afinam inteiramente com esse cenário. O nosso estudo mostrou que esses textos lembram mais uma conversa do que um texto propriamente escrito. Por essa razão, apesar de medialmente escritos, são eles percebidos pelos usuários da língua como conceitualmente falados. Cabe ainda lembrar que a marcação da oralidade em textos escritos pode ocorrer, por um lado, por traços específicos da fala, isto é, por recursos que são, normal-

mente, de uso exclusivo nas interações face a face. Quanto maior for a presença deles no texto escrito, mais este está configurado pela oralidade. Por outro lado, há muitos usos, lexicais e sintáticos, que são de uso corrente em ambos os meios de manifestação linguística. Eles podem corroborar o caráter predominantemente oral de um texto, na medida em que estiveram no cenário interativo coerente que configura as relações de proximidade entre interlocutores. Em outro cenário, eles já não assumem essa função. Em suma, o estudo da oralidade dos textos escritos demanda uma percepção do texto como um todo, determinado pelas instâncias e categorias da enunciação que o determinam.

Referências

- COSTA, C. 2000. *Vaga-lumes: a linguagem do pisca-pisca*. Disponível em: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/vaga-lumes-a-linguagem-do-pisca-pisca/>. Acesso em: 18/09/2013.
- FIORIN, J.L. 1996. *As astúcias da enunciação*. São Paulo, Ática, 318 p.
- FIORIN, J.L. 2003. Pragmática. In: J.L. FIORIN (org.), *Introdução à linguística: princípios de análise*. São Paulo, Contexto, p. 161-185.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. 2008. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Contexto, 543 p.
- JUNG, S. 2009. Comentário postado no blog. 17. jan. 2009. *Blog Mudança na América*. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/mudancanaamerica/>. Acesso em: 18/01/2009.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. 1985. Sprache der Nähe–Sprache der Distanz. *Romanistisches Jahrbuch*, 36:15-43.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. 1990. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen, Niemeyer, 270 p.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. 1994. Funktionale Aspekte der Schriftkultur. In: H. GÜNTHER.; O. LUDWIG (eds.), *Schrift und Schriftlichkeit*. Berlin/Nova Iorque, Walter de Gruyter, p. 588-604.
- LOPES, R. 2009. Mais Frio. 16 jan. 2009. *Blog Mudança na América*. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/mudancanaamerica/>. Acesso em: 18/01/2009.
- LOPES, R. 2009. O que você não vai ler por aí. 21 jan. 2009. *Blog Mudança na América*. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/mudancanaamerica/>. Acesso em: 22/01/2009.
- LOPES, R. 2009. Que figura!! 17 jan. 2009. *Blog Mudança na América*. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/mudancanaamerica/>. Acesso em: 18/01/2009.
- LUFT, C.P. 1998. *Língua e liberdade*. São Paulo, Ática, 112 p.
- MAINGUENEAU, D. 1996. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo, Martins Fontes, 205 p.
- MARCUSCHI, L. A. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, Cortez, 136 p.
- RAMOS, G. 1994. *Cartas*. Rio de Janeiro, Record, 225 p.

Submetido: 21/10/2013

Aceito: 15/11/2013

José Gaston Hilgert

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Rua da Consolação, 930 - Consolação, 01302-907
São Paulo, SP, Brasil.

Luciana Maria Crestani

Universidade de Passo Fundo
BR 285, Bairro São José, 99052-900,
Passo Fundo, RS, Brasil.